

## EDITORIAL

### HIBRIDISMO INTERPARADIGMÁTICO

O quarto número da revista *Interparadigmas* trata de um tema metodológico central ao periódico – o *diálogo interparadigmático*. A questão da incomensurabilidade paradigmática foi um dos principais legados polêmicos da obra magna de Thomas S. Kuhn, de 1962. O argumento afirma que o paradigma define o mundo, não havendo portanto instância neutra externa ao paradigma capaz de decidir quanto à verdade do mesmo. Isso torna um paradigma incomensurável em relação a outro paradigma. Parafraseando Kuhn, os cientistas de distintos paradigmas vivem em mundos distintos. Não há demonstração cabal da verdade de um paradigma. No entanto, já em seu conhecido *Posfácio*, de 1969, ele afirma que em nenhum momento pretendeu sustentar que “os defensores de teorias incomensuráveis não podem absolutamente comunicar-se entre si” (KUHN, 1992, p. 245) e “o que resta aos interlocutores que não se compreendem mutuamente é reconhecerem-se uns aos outros como membros de diferentes comunidades de linguagem e a partir daí tornarem-se tradutores” (p. 248). Ao fim, “Cada um terá aprendido a traduzir para sua própria linguagem a teoria do outro, bem como suas consequências e, simultaneamente, a descrever na sua linguagem o mundo ao qual essa teoria se aplica” (p. 249).

Em 1979, Richard Rorty em *Philosophy and the Mirror of Nature* [A Filosofia e o Espelho da Natureza], retoma a discussão epistemológica em torno à comensurabilidade e incomensurabilidade. A epistemologia estaria adstrita ao denominado discurso normal, em que os participantes pressupõem a existência de normas em comum, uma estrutura, para resolver as eventuais controvérsias. Já a hermenêutica estaria associada ao discurso anormal, em que os interlocutores envolvem-se em uma conversação tendo apenas a esperança de entendimento pela possibilidade de aprender, aos poucos, uns com os outros. Rorty, de certo modo evocando a ideia arendtiana de “inter-esse” ou estar entre, focaliza o espaço compartilhado, híbrido, aberto, em que o mundo em comum se forma.

Pensar de um lugar “inter” requer uma epistemologia do transicional, mutável, híbrido, enfim, uma epistemologia do transe (p.ex., WAUTISCHER, 1989; GERDING, 2005). O encontro de distintas visões de mundo, perspectivas, modelos, paradigmas, é tão inevitável quanto de difícil apreensão cognitiva. A experiência parapsíquica (transe), como a experiência autoevolutiva, não é descritível em

termos do princípio do terceiro excluído – isto é, em termos de “ou é ou não é”. Como descrever o que está em trânsito? Como descrever aquilo cuja natureza é o híbrido tensionado entre duas extremidades? Ao mesmo tempo, como não tentar descrevê-lo, uma vez que a vida (e consciência) é movimento? Eis o paradoxo das iniciações gregas: a ânsia pela purificação (*katharsis*) porém necessitando do híbrido, do transe? A resposta platônica ao problema tornou-se célebre: a purificação é o conhecimento das ideias puras e o transe é a dialética ascensional do raciocínio (*dianoia*). Auguste Diès denominou esta operação de *transposition platonicienne* [transposição platônica] (DIÈS, 1927; DODDS, 2002; BERNABÉ, 2011), a gênese mesma da Filosofia. Diz no *Fédon* (67c-69e), o filósofo é o verdadeiro iniciado, pois a habilidade de depurar as ideias é o transe de separação entre o corpo e a alma. Trata-se de uma terrível falácia, ainda que útil ao desenvolvimento científico. Então a racionalidade da tradição ocidental é um transe intelectual, um transe puro; uma contradição em termos, uma vez que todo transe é híbrido, não puro. O amor grego à pureza acabou suplantando o amor à sabedoria, de origem não grega – aprender com e no transe das mudanças da existência e da consciência.

O enfrentamento das dificuldades metodológicas e epistemológicas atinentes ao diálogo interparadigmático, para além da zona de conforto do paradigma isolado, é o mote do presente número.

O artigo *Autopesquisa através da extrapolação interparadigmática*, de Adriana Kauati, pesquisadora da Paratecnologia, aborda engenhosamente a questão da travessia das fronteiras paradigmáticas enquanto técnica de autopesquisa ou pesquisa da autoconsciência em primeira pessoa. A tensão interparadigmática concentra-se no tema-chave da *autopesquisa científica*.

As pesquisadoras da saúde integral, Fernanda Cabral Schweitzer e Mariana Cabral Schweitzer, estabelecem diálogo com o pensamento do médico e epistemólogo polonês Ludwik Fleck (1896-1961). *Ludwik Fleck e a produção do conhecimento sobre consciência* propõe os neoconstructos interparadigmáticos do *parastilo e paracoletivos de pensamento*.

Cristina Zaccarini, professora e historiadora na Adelphi University, em New York, apresenta o perfil ímpar, em si interparadigmático, de Victoria Woodhull (1838-1927), parapsíquica e ativista política. O artigo *Comunicação através do véu e a evolução da consciência de Victoria Woodhull: candidata à presidência e feminista* faz uma análise biográfica cujo enfoque interparadigmático é o *papel do parapsiquismo na historiografia*.

A educadora Leuzene Salgues, em *Os desafios éticos interconscienciais e a cosmoética*, apresenta e reflete sobre os impasses contemporâneos da humanidade. O cerne da problemática interparadigmática é *a relação ética consigo mesmo*.

O artigo *Relativismo cultural, direitos humanos e cosmoética: fronteiras e intersecções interparadigmáticas consoantes à mutilação genital feminina*, de Patricia Gaspar Mello, pesquisadora da psicologia cognitiva, explora o campo normativo

humano considerando o complexo tema da mutilação genital feminina. O núcleo interparadigmático da discussão é *a legitimidade dos juízos normativos*.

As controvérsias conceituais entre três representativas teorias éticas em contato com princípios da Cosmoética são apresentadas em *Aproximações entre Ética Filosófica e Cosmoética*, de minha autoria. O destaque interparadigmático é *a isologia em detrimento do isomorfismo* na metodologia comparativa.

Boas reflexões interparadigmáticas a todas e todos.

**Alexandre Zaslavsky**

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- BERNABÉ, Alberto. *Platão e o orfismo: diálogos entre filosofia e religião*. São Paulo: Annablume Clássica, 2011.
- DIÈS, Auguste. *Autour de Platon*. 2 vols. Paris: Gabriel Beauchesne, 1927.
- DODDS, E.R. *Os gregos e o irracional*. São Paulo: Escuta, 2002.
- GERDING, J.L.F. *Philosophical implications of transcendent experiences*. Inaugural Address, Special Chair Metaphysics in the Spirit of Theosophy, Philosophy Department, Leiden University, The Netherlands, 4 February 2005. Disponível em <https://pt.scribd.com/document/93659147/Oratie-Gerding-in-English>. Acesso em 29.08.2017.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- RORTY, Richard. *Philosophy and the mirror of nature*. Princeton: Princeton University Press, 1979.
- WAUTISCHER, Helmut. A Philosophical Inquiry to Include Trance in Epistemology. *Journal of Psychoactive Drugs*, 21:1, 35-46, 1989.